

É importante pesquisar o nome local das aves?

Gilmar Beserra de Farias^{1,2} e Ângelo Giuseppe Chaves Alves³

1. Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, Rua Alto do Reservatório, s/n, Bela Vista, CEP 55.608-680, Vitória de Santo Antão, PE, Brasil.
2. Observadores de Aves de Pernambuco (OAP), Av. Agamenon Magalhães, nº 28, QC-13, Engenho Maranguape, CEP 53423-440, Paulista, PE, Brasil. E-mail: gilmarfarias@br.inter.net
3. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Biologia, Área de Ecologia. Av. Dom Manoel de Medeiros, s/n, Dois Irmãos, CEP 52.171-900, Recife, PE. E-mail: agcalves@db.ufrpe.br

Recebido em 28 de junho de 2006; aceito em 21 de dezembro de 2006.

ABSTRACT: Is it important to study local bird names? Studies regarding birds' local nomenclature are one amongst various research interests in Ethno-ornithology. The aim of this study was to answer the following question: why is it important and necessary to study local names of birds? Data here discussed were collected through literature survey and artificial participant observation. Research and comprehension of local names can help on the discovery of new bird species, on the description of behavior unknown to formal science, on the record of new occurrences, preparation of more efficient and precise inventories, localization of threatened species, correction of possible mistakes from literature records, and to achieve a better comprehension of the relationship between humans and birds.

KEY-WORDS: birds, ethno-ornithology, local name.

RESUMO: Estudos referentes à nomenclatura local das aves são um dos vários objetos de pesquisa da etnoornitologia. O objetivo deste artigo foi responder a seguinte questão: porque é importante e necessário pesquisar o nome local das aves? Os dados aqui discutidos foram obtidos por meio de pesquisa bibliográfica e observação participante artificial. A pesquisa e a compreensão de nomes locais das aves podem auxiliar na descoberta de novas espécies de aves, na descrição de comportamentos desconhecidos pela ciência formal, no registro de novas ocorrências, na elaboração de inventários mais eficientes e precisos, na localização de espécies ameaçadas de extinção, na correção de possíveis erros de registros bibliográficos e numa melhor compreensão das relações entre humanos e aves.

PALAVRAS-CHAVE: aves, etnoornitologia, nome local.

Nos últimos anos, houve um crescente interesse dos pesquisadores em investigar a relação que as espécies animais ou vegetais têm com as populações humanas de determinadas localidades, sejam elas rurais, tradicionais ou indígenas. O conhecimento e as conceituações a respeito da biologia praticada por qualquer sociedade é o que se chama de Etnobiologia (Posey 1987). Entre as diversas abordagens etnocientíficas está a etnoornitologia, que é o estudo das relações cognitivas, comportamentais e simbólicas entre a espécie humana e as aves (Farias e Alves 2007). Atualmente, os estudos em etnoornitologia constituem um campo de cruzamentos de conhecimentos através do qual se busca uma melhor compreensão destas relações, nos mais diversos contextos culturais e ecológicos.

Embora a expressão etnoornitologia tenha surgido em 1946 (Speck 1946), estudos etnoornitológicos já vinham sendo realizados desde a década de 1880 nos Estados Unidos, com inventários de nomes indígenas das aves e de seus correspondentes científicos formais. No Brasil, sem utilizar a expressão etnoornitologia, estudos semelhantes também tiveram início por meio do interesse em registrar nomes locais das aves (Goeldi 1884, Ihering 1899, Garcia 1929, Vieira 1936, Pinto 1938, 1944, Zenaide 1953, Farias *et al.* 2000), evoluindo prin-

cipalmente para pesquisas que utilizavam teorias e métodos de diversas áreas do conhecimento acadêmico como Antropologia (Jensen 1988, Giannini 1991, Carrara 1997), Etimologia (Teixeira 1996), História (Pacheco 2001), Bioclimatologia (Araújo *et al.* 2005), Semiótica (Marques 1998, 2002), Morfologia e Ecologia (Cadima e Marçal-Júnior 2004), entre outros.

Neste contexto, convém salientar que o estudo dos nomes locais de aves é também uma das maneiras de se dar início a uma pesquisa etnoornitológica. Assim, este artigo pretende responder a seguinte questão: porque é importante e necessário pesquisar o nome local das aves?

MÉTODOS

Neste artigo foram utilizados métodos de revisão bibliográfica (Gil 1996) e de observação participante artificial (Gil 1998), que os autores realizaram para revelar dados sobre a nomenclatura local das aves em diversas sociedades nos estados de Pernambuco e Ceará. Neste caso, os observadores se integraram nas comunidades sempre revelando aos interlocutores a identidade de pesquisadores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nome local e nome vernáculo técnico. Neste trabalho, o nome local de uma ave representa uma denominação não formal, não científica lineana, fundamentada na cultura local ou regional (Antweiler 1998). Em cada região, uma mesma espécie de ave pode ter muitos nomes locais ou um mesmo nome pode representar mais de uma espécie lineana, assim como algumas aves mais discretas ou pouco observadas não possuem nomes locais. Por estes motivos, no início do século XX, nos Estados Unidos, alguns pesquisadores sugeriram regras para o estabelecimento e a criação de nomes vernáculos técnicos das aves (neste trabalho considerou-se o nome vernáculo como sinônimo de senso comum, generalista, cotidiano, oposto àquele conhecimento acadêmico, segundo Antweiler 1998 e Alves e Albuquerque 2005). Com estas regras, eles tinham a intenção de padronizar uma lista com os nomes vernáculos já utilizados pela população leiga, assim como a criação de nomes técnicos não-lineanos, principalmente para diferenciar aquelas espécies do mesmo gênero ou subespécies. Foram sugeridas regras para que nomes gerais fossem utilizados como prefixo e a eles fossem adicionadas palavras que se referissem às formas de alimentação, características e hábitat, entre outros (Doran 1903). Outras proposições foram estabelecidas: nomes “mal-feitos” deveriam ser substituídos por outros apropriados e curtos, assim como nomes de pessoas não deveriam ser usados (Stone 1920); as subespécies deveriam formar um prefixo com o nome das espécies e com uma outra palavra se indicaria a raça geográfica (Eisenmann e Poor 1946). Por outro lado, ainda na primeira metade do século XX, algumas proposições contrárias à criação de nomes técnicos foram estabelecidas. Baseando-se nos argumentos de que os nomes locais em qualquer idioma, nomes científicos lineanos e nomes técnicos poderiam conter muitos erros e inexatidões, Griscom (1947) afirmou que não existiria adjetivo para substituir um nome referente a determinada pessoa (e.g. “jesus-meu-deus” *Zonotrichia capensis*) ou geografia de uma região (e.g. “pomba-da-seca” *Zenaida auriculata*), pois o nome local geralmente tem uma origem complexa, podendo ser melhor compreendido através de uma análise da cultura regional.

Um estudo sobre as origens da nomenclatura local das aves americanas observou a existência de uma forte herança cultural historicamente estabelecida (Trotter 1909). Por outro lado, listas de aves com nomes vernáculos padronizados podem gerar forte antipatia, já que, em regiões diferentes, grupos culturais diferentes costumam dar nomes distintos para as mesmas aves (McAtee 1923). Vuilleumier (1999) reconheceu a possibilidade de se perder as tradições da linguagem local, mas, mesmo assim, defendeu seguramente a padronização dos nomes. A estandardização dos nomes vernáculos técnicos de aves pode ter como conseqüência a produção do que se chama de “lista padrão”. Os Estados Unidos, a Argentina, o Chile (Vuilleumier 1999) e a Espanha (Clavell *et al.* 2005) já possuem lista-padrão de abrangência nacional para as suas aves. Para Costa

et al. (2000), os nomes vulgares não conduzem geralmente a uma precisão vocabular indispensável e a correta individualização específica. Contudo, o que deve se buscar no nome local não é essa precisão. A própria divergência ou diversidade de nomes, quando estudada com rigor, pode ser uma fonte de informações biológicas e culturais. Os pesquisadores que defendem esta padronização estão, aparentemente, motivados por uma vontade de facilitar a comunicação no interior do meio acadêmico, mas eles parecem ignorar que o sistema lineano foi criado (e é eficiente) justamente para isto. O sistema lineano em si já é uma codificação renascentista de princípios taxonômicos populares (baseados em raciocínio dedutivo) e é por isto que, freqüentemente, se encontram altos índices de correspondência entre os sistemas formais (acadêmicos) e não-formais (locais) de classificação biológica. Em tempos de globalização, é recomendável que os pesquisadores construam mecanismos para facilitar o intercâmbio de informações, diminuindo a rigidez das fronteiras no meio acadêmico, sem, contudo ignorar as peculiaridades culturais e ecológicas inerentes a cada ambiente pesquisado.

Nomes locais e as muitas informações implícitas. A pesquisa e a compreensão de nomes locais das aves, assim como detalhes dos seus hábitos, revelados no discurso das comunidades locais, podem auxiliar o pesquisador a adquirir muitas informações importantes durante os trabalhos de campo. No Zimbábue (África), por exemplo, dois ornitólogos investigaram a história local de um pássaro denominado “greater honeyguide” *Indicator indicator*, cujo comportamento supostamente indicaria aos humanos o caminho para se chegar a colméias cheias de mel (Chiweshe e Dale 2000). Fenômeno semelhante ocorre no Brasil, na região de Cáceres (Mato Grosso), quando a ave chamada “poaieiro” *Lipaugus vociferans*, através do canto, indicaria aos humanos catadores de “poaia” (*Psychotria ipeacacuanha*) a localização de um adensamento destas plantas (Marques 1998), que são coletadas e vendidas aos grandes laboratórios farmacêuticos para fins medicinais.

Na Nova Guiné, em 1989, um pesquisador americano, ao retirar um pássaro chamado “pitohui-encapuchado” (*Pitohui dichrous*) da rede-de-neblina, sofreu um arranhão no dedo e levou a mão até a boca. Em pouco tempo sentiu língua e lábios dormentes e acabou por descobrir que o pássaro produzia uma toxina em suas penas (Diamond 1994). Dados sobre essa ave venenosa foram apresentados à comunidade científica (Dumbacher *et al.* 1992), mas a informação já tinha sido revelada 15 anos antes, por meio de estudos etnográficos (Majnep e Bulmer 1977). Embora este caso não tenha uma ligação direta com o nome local da ave, ele revela algo que parece estar ideologicamente implícito na cultura ocidental, sobre o qual é muito importante refletir: há uma tendência arraigada de conferir *status* de “verdade” àquilo que for descoberto por cientistas. Parece que informações elaboradas por “não cientistas” não são devidamente valorizadas. Para determinados cientistas, uma descoberta pode ser muito excitante,

porém, não se trata necessariamente de um achado, já que essa “nova” informação pode ter estado previamente presente no sistema de conhecimentos compartilhado por uma determinada sociedade (Diamond 1994). Quando se usa a expressão etnoornitologia, está implícito que o povo estudado possui um sistema de conhecimentos ornitológicos que pode ser análogo, em maior ou menor grau, ao científico acadêmico, estabelecendo-se, desta forma, uma conjunção de experiências (Alves e Albuquerque 2005). Parafrazeando Moreira (2002), analisar também a transmissão de conhecimento no sentido inverso, do “nativo” para o ornitólogo, talvez possa contribuir para que se entenda melhor o(s) modo(s) de se “fazer” ciência.

No nordeste do Brasil, uma observação atenta de alguns aspectos culturais relacionados à espécie denominada “lavadeira” ou “lavandeira” *Fluvicola nengeta* (Tyrannidae) pode contribuir para que o leitor entenda melhor a importância dos nomes locais na etnoornitologia. Devido à noção popularmente aceita de que “a lavadeira ajudou a Virgem Maria a lavar a roupa de Nosso Senhor”, esta ave é etnobiologicamente conservada, existindo um efeito protetor relacionado a um mecanismo cultural que não permite capturar, criar, matar ou comer a “lavadeira”, pois ofenderia Nossa Senhora, entre outras conseqüências (Marques 2005). Portanto, uma investigação sobre o nome “lavadeira” pode gerar uma explicação satisfatória para o fato de esta ave ser excepcionalmente abundante em muitas regiões do Brasil.

Uma outra espécie, a “lavadeira-da-mata” *Antilophia bokermanni* (Pipridae) ou “soldadinho-do-araripe”, é uma ave ameaçada de extinção (MMA 2003) e foi descoberta próximo das nascentes nas encostas úmidas da Chapada do Araripe, no distrito de Arajara (Barbalha, Ceará), em 1996 (Silva e Rêgo 2004) e descrita cientificamente dois anos depois (Coelho e Silva 1998). “Soldadinho-do-araripe” é um nome vernáculo técnico, composto pelo nome local da outra espécie do mesmo gênero (*Antilophia galeata*), comum nas matas de galeria do cerrado, e pelo nome da área de ocorrência. O nome “lavadeira-da-mata”, como a ave é conhecida localmente, pode revelar conhecimentos do nativo sobre a espécie, sendo provavelmente uma associação que a comunidade local fez com a “lavadeira” *F. nengeta*, por conta da semelhança na coloração branca e preta da plumagem e por viverem próximas da água. A diferença entre elas estaria no fato da “lavadeira-da-mata” ocorrer apenas no interior das florestas. Este exemplo demonstra que se o pesquisador iniciar seu trabalho etnoornitológico coletando e entendendo os nomes locais das espécies de aves, poderá (re)descobrir e publicar informações inéditas para a ornitologia formal, promovendo ao mesmo tempo uma melhor contextualização e valorização do saber local.

Trabalhos de inventário de fauna, entrevistas com caçadores ou moradores locais podem representar um método eficiente de aquisição de informações biológicas (Sayre *et al.* 2000). Na Classe Aves, muitas espécies apresentam dimorfismo sexual, o que permite o estabelecimento de nomes locais indicativos de categorias etnotaxonômicas diferentes, embora pertencentes à mesma espécie lineana. Isto poderia conduzir a um número

superestimado de espécies para a área. Por exemplo, entre as muitas denominações existentes, o macho de *Tachyphonus rufus* (Emberizidae) é chamado de “encontro-de-prata”, provavelmente por conta do contraste existente de sua plumagem negra sedosa com o branco prateado das penas na região da curva (encontro) da asa. A fêmea é “maria-mulata”, com a plumagem uniformemente marrom. Aves cujas plumagens são semelhantes e ocorrendo ao mesmo tempo em determinada região, como as várias espécies dos gêneros *Myarchus* ou *Elaenia* (Tyrannidae), podem, por outro lado, levar um observador desatento a subestimar o número de espécies, pois geralmente recebem o mesmo nome local. Portanto, trabalhos de inventários, baseados unicamente em entrevistas e outras formas de interlocução com moradores locais, não são suficientes para revelar a riqueza da avifauna de uma região. Faz-se necessário, ao menos, a presença de um especialista acadêmico, um ornitólogo experiente, para observar as aves em campo junto com um informante da região, verificando a eventual correspondência entre os nomes locais e os científicos lineanos.

No município de Bonito (Pernambuco), informantes locais falavam de uma “andorinha-da-cachoeira”, nome local que forçou uma maior atenção nas observações das espécies de andorinhas (Hirundinidae) e andorinhões (Apodidae) que frequentavam a “cachoeira-barras-azul”, na zona rural daquele município. Desta forma, em dezembro de 2001, foi realizado o primeiro registro de *Cypseloides senex* (Apodidae) para Pernambuco (Farias *et al.* 2002), quando foram observados bandos atravessando a queda d’água, conforme indicado em Sick (1997).

Em Igarassu, município localizado na Região Metropolitana do Recife (Pernambuco), trabalhando com informantes locais em um estudo sobre nomenclatura e classificação etnoornitológica, foi possível localizar e registrar a vocalização de *Myrmeciza ruficauda* em fragmentos de Mata Atlântica da Usina São José (USJ). Esta espécie é considerada ameaçada de extinção (MMA 2003). Na ocasião, era pesquisado o conhecimento sobre uma ave denominada “cachorrinho-da-mata”. Portanto, muitos dados de uma pesquisa são mais facilmente coletados por meio do contato do ornitólogo com o informante local, buscando descobrir os significados culturais e biológicos dos nomes. Eles podem revelar muitas informações ao pesquisador a respeito dos nichos espaciais e tróficos das aves, por exemplo.

Entre os anos de 1944 e 1945, o naturalista Herbert Berla, do Museu Nacional do Rio de Janeiro, realizou uma expedição à Zona da Mata de Pernambuco com o objetivo de coletar peles de aves (Pacheco 2000). Utilizando o nome local, registrou a “jutuca” *Baryphthengus ruficapillus* (Momotidae) como uma ave apenas observada nas Matas da USJ, em Igarassu (Berla 1946). Baseado na premissa de que um antigo e arraigado nome local passa de uma geração a outra (Sick 1997), em 2005, foram realizadas entrevistas com informantes locais, residentes nas proximidades das matas da USJ, para tentar localizar e verificar o correspondente lineano da ave chamada “jutuca”. Os informantes locais indicaram alguns

possíveis fragmentos de mata nos quais ainda seria possível observar a referida ave e, durante turnês-guiadas¹ (Spradley 1979), apontaram vários indivíduos da “jutuca”, que neste caso correspondiam a *Momotus momota*, espécie da mesma família e que tem semelhanças morfológicas com *B. ruficapillus*. A distribuição geográfica mais ao norte de *B. ruficapillus* vai até a Bahia e *M. momota* tem registro na região nordeste para os estados do Maranhão, Piauí, Paraíba, Alagoas (Sick 1997) e Pernambuco (Pinto 1940, Roda 2002). Desta forma, baseado nas informações acima, pode-se considerar a possibilidade de que Herbert Berla teria, possivelmente, cometido um equívoco na identificação científica lineana desta ave, ou seja, talvez ele tenha observado *Momotus momota* pensando ser *Baryphthenus ruficapillus*. Assim, coloca-se em dúvida o único registro desta espécie para o estado de Pernambuco.

Muitas aves como o “bacurau” (Caprimulgidae) não possuem, obrigatoriamente, um nome genérico que remeta a uma Família lineana. Assim, em diversos levantamentos de aves, em diferentes municípios pernambucanos, só foi possível descobrir o correspondente científico de um Caprimulgidae localmente chamado “joão-corta-pau”, “tabaco-bom” ou “maria-angu” *Caprimulgus rufus* por que o ornitólogo em campo, reconhecendo a vocalização, perguntou aos informantes (geralmente agricultores ou caçadores locais) qual era o nome da ave que estava cantando. A vocalização é um aspecto muito importante para se identificar em campo os correspondentes lineanos daquelas espécies batizadas com nomes locais. Estas representações fonéticas humanas da vocalização das aves que são utilizadas para nomeá-las é o que se chama de onomatopéia (Berlin 1992), recurso considerado por Ailapan e Rozzi (2004) comumente usado pelos “leigos” para lembrar o nome das aves. Em geral, mais de 30% dos nomes inventariados em diversas sociedades têm origem onomatopáica: Delaware, no Canadá, 37% (Speck 1946); Manggarai e Nage, em Flores (Indonésia), 40% (Verheijen 1963) e 32% (Forth 1996), respectivamente; Selepet, na Papua Nova Guiné, 37% (McElhanon 1977); Kaluli, na Nova Guiné, 39% (Feld 1982); Aguaruna e Huambisa, no Peru, 38% e 34% respectivamente (Berlin e O’Neill 1981).

Uma espécie muito conhecida pela vocalização onomatopáica, o “suiriri” *Tyrannus melancholicus* (Tyraniidae), é nomeada no distrito pernambucano de Porto de Galinhas (Ipojuca) como “catimbozeiro”. De acordo com informantes locais, este nome é atribuído à ave devido ao uso freqüente de suas penas em catimbós, que são rituais religiosos afro-brasileiros. No município de Chã Grande, também em Pernambuco, o nome local “enfeite-de-anjo” para *Dacnis cayana* (Embe-

rizidae), possibilitou que observadores externos percebessem a utilização de uma planta de cores preta e azul (“canela-de-ema”), as mesmas cores da ave em questão, para decorar o caixão mortuário de crianças (“anjos”, como designado pela população) durante o funeral (com. pess. M. T. Brito). Estes dois exemplos demonstram como a relação dos humanos com as aves é um componente importante no comportamento e na cosmovisão de determinadas sociedades.

Como já foi dito no início deste artigo, colecionar nomes locais das espécies de aves de uma determinada região pode ser considerado um início promissor para uma pesquisa etno-ornitológica. Mas, se o resultado for apresentado como uma simples lista de correspondentes científicos lineanos, acatando simplesmente os nomes locais sem a realização de estudos etno-científicos mais detalhados, que permitam investigar os aspectos culturais e ecológicos de cada nome, esta poderá ser mais uma pesquisa científica “acabada”, enquanto o que se busca nos estudos etnocientíficos é uma ciência em construção.

Em cibernética, a expressão “caixa-preta” é usada quando uma máquina ou um conjunto de comandos se revela complexo demais (Latour 2000). Em uma comparação direta, um nome local de uma ave pode não apresentar sentido para o pesquisador, mas ele poderá utilizá-lo para ilustrar o seu trabalho científico, sem se preocupar em saber algo a seu respeito ou do contexto, podendo ser considerado como uma “caixa-preta”. Assim, é preciso abrir a “caixa-preta” dos nomes locais. Esta abertura pode ser facilitada por estudos etnoornitológicos.

Desta forma, respondendo à questão proposta inicialmente, é importante pesquisar os nomes locais das aves por que eles podem permitir aos ornitólogos a possibilidade de 1) descobrir uma nova espécie de ave, 2) descrever comportamentos desconhecidos pela ciência formal, 3) fazer novas ocorrências para determinada região, 4) elaborar inventários mais eficientes e precisos, 5) localizar espécies ameaçadas de extinção e apontar alternativas para sua conservação, 6) corrigir possíveis erros de registros bibliográficos e 7) compreender melhor as relações entre humanos e aves. A pesquisa etnoornitológica a respeito dos nomes locais é importante não somente por todos os motivos acima apresentados, mas principalmente por explicitar para a sociedade em geral o valor inerente à diversidade cultural.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Manoel Toscano de Brito e a Weber A. G. Silva pelas informações sobre os nomes locais de algumas espécies e pelas sugestões no texto.

REFERÊNCIAS

Ailapan, L. e Rozzi, R. (2004) Una etno-ornitología Mapuche contemporánea: veinte poemas alados de los bosques nativos de Chile. *Ornit. Neot.* 15(suppl.):1-15.

1 Usa-se aqui o termo “turnê guiada” num sentido semelhante ao que foi dado por Spradley (1979) para “guided grand tour questions”. Consiste em solicitar a um(a) informante que conduza o pesquisador, durante um deslocamento físico (e.g. um percurso a pé), indicando e identificando itens e aspectos que ele (informante) conheça sobre o tema pesquisado (aves, no caso deste artigo), ao longo do deslocamento. Mais informações metodológicas sobre turnês guiadas podem ser consultadas em Leech (2002) e Albuquerque & Lucena (2004).

- Albuquerque, U. P. e Lucena, R. F. P. 2004. *Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica*. Recife: Livro Rápido/NUPPEA.
- Alves, A. G. C. e Albuquerque, U. P. (2005) Exorcizando termos em etnobiologia e etnoecologia, p. 11-23. Em: Alves, A. G. C., Lucena, R. F. P. e Albuquerque, U. P. *Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia*. v. 2. Nuppea/SBEE.
- Antweiler, C. (1998) Local knowledge and local knowing: an anthropological analysis of contested 'cultural products' in the context of development. *Anthropos* 93:469-494.
- Araújo, H. F. P.; Lucena, R. F. P. e Mourão, J. S. (2005) Pre-núncio de chuvas pelas aves na percepção de moradores de comunidades rurais no município de Soledade, PB, Brasil. *Interciência* 30:764-769.
- Berlin, B. (1992) *Ethnobiological classification: principles of categorization of plants and animals in traditional societies*. Princeton: University Press Princeton (EUA).
- Berlin, B. e O'Neill, J. P. (1981) The pervasiveness of onomatopoeia in Aguaruna and Huambisa bird names. *J. Ethnol.*, 1(2):238-261.
- Cadima, C. I. e Marçal-Júnior, O. (2004) Nota sobre etnoornitologia na comunidade do Distrito Rural de Miraporanga, Uberlândia, MG. *Biosc. J.*, 20(1):81-91.
- Carrara, E. (1997) *Tsi Tewara: um voo sobre o Cerrado Xavante*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
- Chiweshe, N. C. e Dale, J. (2000) A merry-go-round story of a Greater Honeyguide. *Honeyguide*, 46(2):167-169.
- Clavell, J.; Copete, J. L.; Gutiérrez, R.; De Juana, E. e Lorenzo, J. A. (2005) *Lista de las aves de España*. Sociedad Española de Ornitología. www.seo.org/media/docs/Lista (acesso em 14/09/2005).
- Coelho, A. G. M. e Silva, W. A. G. (1998) A new species of *Antilophia* (Passeriformes: Pipridae) from Chapada do Ararape, Ceará, Brazil. *Ararajuba*, 6(2):81-84.
- Costa, H.; Araújo, A.; Farinha, J. C.; Poças, M. C. e Machado, A. M. (2000) *Nomes portugueses das aves do Paleártico Ocidental*. Assírio & Alvim, Lisboa, Portugal.
- Diamond, J. (1994) Stinking birds and burning books. *Nat. Hist.*, 103:4-12.
- Doran, E. W. (1903) The vernacular names of birds. *Auk*, 20:38-42.
- Dumbacher, J. P.; Beehler, B. M.; Spander, T. F. Garraffo, H. M. e Dally, J. W. (1992) Homobatrachotoxin in the genus *Pitohui*: chemical defense in birds? *Science*, 258:799-801.
- Eisenmann, E. e Poor, H. (1946) Suggested principles for vernacular nomenclature. *Wils. Bull.*, 58(4):210-215.
- Farias, G. B. e Alves, A. G. C. (2007) Aspectos históricos e conceituais da Etnoornitologia. *Biotemas* 20:91-100.
- Farias, G. B.; Brito, M. T. e Pacheco, L. G. (2000) *Aves de Pernambuco e seus Nomes Populares*. Recife: Editora Universitária da UFPE.
- Farias, G. B.; Brito, M. T. e Pacheco, G. L. (2002) *Registros Ornitológicos de Pernambuco*. Recife: Observadores de Aves de Pernambuco.
- Feld, S. (1982) *Sound and sentiment: birds, weeping, poetics, and song in Kaluli expression*. UPENN: Pennsylvania.
- Forth, G. (1996) Nage birds sigues in the análisis of ethnoornitological classification. *Anthropos*, 91:89-109.
- Garcia, R. (1929) Nomes de aves em língua Tupi. *Bol. Mus. Nac.*, 5(3):1-54.
- Giannini, I. V. (1991) *A ave resgatada: a impossibilidade de leveza do ser*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
- Gil, A. C. (1996) *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Gil, A. C. (1998) *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Goeldi, E. (1894) *As aves do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves & Cia.
- Griscom, L. (1947) Common sense in common names. *Wils. Bull.*, 59(3):131-137.
- Ihering, H. V. (1899) As aves do Estado de São Paulo. *Rev. Mus Paul.*, 3:113-479.
- Jensen, A. A. (1988) *Sistemas indígenas de classificação de aves: aspectos comparativos, ecológicos e evolutivos*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.
- Latour, B. (2000) *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Unesp.
- Leech, B. L. (2002) Asking Questions: techniques for semi-structured interviews. *Political Science and Politics*, 35(4):665-668.

- Majnep, I. S. e Bulmer, R. (1977) *Birds of my Kalam country*. Auckland, New Zealand: Auckland University Press.
- Marques, J. G. W. (1998) "Do canto bonito ao berro do bode": percepção do comportamento de vocalizações de aves entre camponeses alagoanos. *Rev. Etol.* (nº especial):71-85.
- Marques, J. G. W. (2002) O sinal das aves. Uma tipologia sugestiva para uma etnoecologia com bases semióticas. Em: Albuquerque, U. P.; Alves, A. G. C.; Lins e Silva, A. C. B. e Silva, V. A. (eds.). *Atualidades em etnobiologia e etnoecologia*. Recife: SBEE
- Marques, J. G. W. (2005) "É pecado matar a esperança, mas todo mundo quer matar o sariguê". Em: Alves, A. G. C.; Lucena, R. F. P. e Albuquerque, U. P. (eds.). *Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia*. Recife: Nuppea/SBEE.
- McAtee, W. L. (1923) Thoughts on english names for birds in the A. O. U. check-list. *Condor*, 25:23-25.
- McElhanon, K. A. (1977) The identification of birds by the Selepet, Papua New Guinea. *Oceania*, 47(1):64-74.
- MMA (Ministério do Meio ambiente) (2003) Instrução Normativa nº 3 de 27 de maio de 2003. Lista das espécies da fauna brasileira ameaçadas de extinção. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*: Brasília.
- Moreira, I. C. (2002) O escravo do naturalista: o papel do conhecimento nativo nas viagens científicas do século 19. *Ciê. Hoje*, 31(184):40-48.
- Pacheco, J. F. (2000) A ornitologia descobre o sertão: um balanço do conhecimento da avifauna da caatinga dos primórdios aos anos 1950. Em: Straube, F. C.; Argel-de-Oliveira, M. M. e Cândido-Júnior, J. F. (eds). *Ornitologia brasileira no século XX*. UNISUL/SOB, Curitiba, Brasil, p. 11-70.
- Pacheco, J. F. (2001) *Tangara* – gênero de uns, ainda que nome vulgar de outros! *Tangara*, 1(1):5:11.
- Pinto, O. M. O. (1938) Catálogo das aves do Brasil e lista dos exemplares do que as representam no Museu Paulista. 1ª parte. Aves não Passeriformes e Passeriformes não Oscines excluída a Fam. Tyrannidae e seguintes. *Rev. Mus. Paul.*, 22:1-566.
- Pinto, O. M. O. (1940) Aves de Pernambuco. Breve ensaio retrospectivo com lista de exemplares coligidos e descrição de algumas formas novas. *Arq. Zool. Est. São Paulo*, 1(5):219-282.
- Pinto, O. M. O. (1944) *Catálogo das aves do Brasil e lista dos exemplares existentes na coleção do Departamento de Zoologia. 2ª parte. Ordem Passeriformes (continuação) Superfamília Tyrannoidea e Subordem Passeres*. São Paulo: Departamento de Zoologia, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio.
- Posey, D. A. (1987) *Etnobiologia: teoria e prática*. Em: Ribeiro, D. *Suma etnológica brasileira*. v. 1. Petrópolis: Vozes.
- Roda, S. A. (2002) Aves endêmicas e ameaçadas de extinção no estado de Pernambuco. Em: Tabarelli, M e Silva, J. M. C. da (Orgs.). *Diagnóstico da biodiversidade de Pernambuco*. Recife: Sectma/Massangana, 2002.
- Sayre, R.; Roca, E.; Sedaghatkish, G.; Young, B.; Keel, S.; Roca, R. e Sheppard, S. (2000) *Nature in Focus: Rapid Ecological Assessment*. Island Press. Washington, DC (EUA), 182 pp.
- Sick, H. (1997) *Ornitologia brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira
- Silva, W. A. G. e Rego, P. S. (2004) *Conservação do soldadinho-do-araripe Antilophia bokermanni (Aves: Pipridae): subsídios para elaboração do plano de manejo*. Recife: OAP/Fundação O Boticário de Proteção à Natureza.
- Speck, F. G. (1946) Bird nomenclature and song interpretation of the Canadian Delaware: an essay in ethno-ornithology. *Jour. Wash. Acad. Sci.*, 36(8):249-258.
- Spradley, J. P. (1979) *The ethnographic interview*. Florida (EUA): Harccourt Brace Jovanovich.
- Stone, W. (1920) Popular nomenclature. *Auk*, 37:501-503.
- Teixeira, D. M. (1996) Porque os jacus foram denominados *Penelope*? *Resumos do V Congresso Brasileiro de Ornitologia*. Campinas: Unicamp.
- Trotter, S. (1909) An inquiry into the history of the current english names of North American. *Auk*, 26:346-363.
- Verheijen, J. A. J. (1963) Bird-names in Manggarai, Flores, Indonésia. *Anthropos*, 58:677-718.
- Vieira, C. O. C. (1936) Nomes Vulgares de aves do Brasil. *Rev. Mus. Paul.*, 20:437-89.
- Vuilleumier, F. (1999) Sobre la necesidad de estandarizar los nombres em castellano y portugués de las aves neotropicales. *Ornit. Neot.*, 10:69-75.
- Zenaide, H. (1953) *Aves da Paraíba*. João Pessoa: Teone.